

## Sob o olhar do desejo

FLÁVIA REGINA MARQUETTI  
Universidade Estadual de Campinas  
Brasil

RESUMO. O presente artigo trata do desejo e do olhar nos mitos de Eros e Psiquê e de Narciso, e de como estes se ligam à questão da identidade e do conhecimento do Eu e do Outro. Ambos apresentam em suas narrativas uma interdição do ver que está ligada ao conhecimento; a transgressão dessa interdição irá precipitar seus protagonistas num redemoinho de paixão, perda e morte. O olhar, nos mitos escolhidos, revela a incompletude e detona o desejo; saber-se incompleto é o grande tormento que leva à morte, pois não há possibilidade de alcançar, tocar o ser desejado, não existe a perspectiva de concretizar o desejo, este, insatisfeito, é vivido como uma tensão interna. A leitura dos mitos se pauta na Psicanálise, na Antropologia e na Semiótica greimasiana.

PALAVRAS-CHAVE. Eros; Psiquê; Narciso; desejo; eu/outro; olhar.

E inda busca, a alma louca,  
Aquele lábio vermelho.  
Ai, o frio da própria boca!  
O amor é um beijo no espelho...  
(MÁRIO QUINTANA, *Canção-Ballet*)<sup>1</sup>

Baixar os olhos e ver-se diante do maior dos perigos — o desejo. Essa é a realidade angustiante de Narciso e Psiquê. Os dois mitos, o de Narciso e o de Eros e Psiquê<sup>2</sup>, nos dão a conhecer essa estreita ligação que existe entre

E-mail: frm@classica.org.br

Artigo recebido em 05/09/2005; aceito para publicação em 29/08/2006.

Pesquisadora do NEE – Núcleo de Estudos Estratégicos.

<sup>1</sup> MÁRIO QUINTANA, *Antologia poética*, Rio de Janeiro, Autor, 1966.

<sup>2</sup> Para o mito de Eros e Psiquê, utilizaremos a versão de Apuleio em suas *Metamorfoses*. Psiquê era uma jovem princesa que superava a todas as mulheres em beleza, rivalizando com a própria Afrodite. A deusa, enfurecida pelo fato de os humanos a compararem à jovem, afasta dela todos os pretendentes, deixando-a sozinha, sem ninguém que se candidatasse à sua mão. Não satisfeita, pede a Eros, seu filho, que mate Psiquê. Eros, porém, apaixona-se por Psiquê e envia um oráculo aos pais dela, no qual avisa que o reino seria destruído se a jovem não fosse entregue ao monstro a que estava destinada. Os pais de Psiquê deveriam vesti-la para o casamento e deixá-la junto a um penhasco, onde seu marido a encontraria. Os pais de

o olhar e o desejo. Ambos apresentam em suas narrativas uma interdição do ver que está ligada ao conhecimento; a transgressão dessa interdição irá precipitar seus protagonistas num redemoinho de paixão, perda e morte.

Desde a Antigüidade até os nossos dias vemos o olhar ser apresentado como um instrumento de conhecimento e de revelação, mas, também, como um perigo – o olhar possibilita ao homem, simultaneamente, sair de si e trazer o mundo para dentro de si, ou, como diz Adauto Novaes<sup>3</sup>, ‘levar o homem que contempla a ser absorvido por aquilo que contempla’.

Entre os antigos, como Aristóteles, Platão e Plotino, encontramos a relação do olho com o fogo interno — o desejo. Já a ligação existente entre o olhar sensual, desejante, e o conhecimento se evidencia em inúmeros textos, principalmente quando esse conhecimento é o autoconhecimento. Pois conhecer-se é descobrir os próprios desejos e a eles dominar, ou perder-se neles, como ocorre com Narciso e Psiquê.

Michel Foucault, em sua *História da sexualidade*,<sup>4</sup> informa-nos que

a importância que os gregos atribuíam ao olhar e aos olhos na gênese do desejo ou do amor não era porque o prazer do olhar fosse em si mesmo intemperante; mas sim porque constitui uma abertura por onde a alma é atingida. E, como essa alma era atingida pelo desejo, consistia uma questão ética. A força com que se era levado pelos desejos e a capacidade de controlar a relação dinâmica constituída pelo desejo e pelo prazer é que revelavam a integridade dos homens.

Para os gregos, conhecer e dominar os desejos, sem jamais ser dominado por eles, caracterizava o saber sobre si mesmo. Da mesma maneira que o olhar, o desejo fascina, faz brilhar o fogo escondido, e sua única exigência

Psiquê, embora pesarosos, cumprem a ordem do oráculo. Psiquê é transportada, por Zéfiro, do penhasco para a morada de Eros, onde é servida por vozes invisíveis. À noite, encontra-se com o esposo, mas não o vê, apenas o ouve e sente. Este a proíbe de tentar vê-lo e, se ela obedecer às suas ordens, viverão felizes. Após algum tempo, Psiquê, saudosa dos seus, pede ao marido que lhe permita visitá-los; ele consente, mas avisa-a de que não quebre sua promessa ao voltar. A jovem parte levando ricos presentes para seus pais e suas irmãs. Estas, invejosas da sorte da irmã caçula, induzem-na a quebrar a promessa feita a Eros. Ao retornar, Psiquê encontra-se com seu esposo e, enquanto ele dorme, sem resistir à curiosidade, ilumina-o com a lamparina. Fascinada com a beleza de Eros, Psiquê, trêmula, deixa cair uma gota de óleo quente no rosto (ou na asa) do deus. Despertado pela dor, Eros abandona-a, enfurecido. A jovem, desesperada, corre o mundo em busca de seu amado, sem o encontrar. Coloca-se, por fim, a serviço de Afrodite, pensando ser esta a única forma de rever Eros. A deusa a aceita e lhe impõe inúmeras tarefas irrealizáveis. Psiquê se desincumbe delas com a ajuda de outros deuses. Após muitas provações, Eros e Psiquê se reencontram e ele a leva para o Olimpo.

<sup>3</sup> ‘De olhos vendados’ in A. NOVAES (org.), *O Olhar*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p. 10.

<sup>4</sup> V. 2, Rio de Janeiro, Graal, 1985, p. 40.

é a de que ele jamais se torne mestre e senhor do próprio desejo<sup>5</sup>. É essa “única exigência” que Narciso e Psiquê não conseguem cumprir: deixam-se dominar pelos desejos, tornando-se escravos das paixões.

O que faz Narciso e Psiquê se entregarem a seus desejos é a busca de um conhecimento, que vêem no olhar do outro e que não possuem. Ambos são seduzidos pela imagem que um faz do outro. Como afirma Maria Rita Kehl<sup>6</sup>, ‘é o sedutor que possui as chaves para o enigma do seduzido’: somente o sedutor pode lhe responder o que existe nele que o diferencia dos demais e o faz ser alvo de uma atenção especial<sup>7</sup>:

É dessa ruptura entre o mundo interno e externo do seduzido que surge a necessidade do conhecimento, pois todo o saber humano é mediado em parte pelo desejo do outro. Todo saber se funda na necessidade de ser amado e no medo de ser dominado pelos outros.

O “olhar seduzido e perplexo” encontra-se diante da lembrança da unidade perdida da primeira fase do espelho, aludida por Jacques Lacan<sup>8</sup>.

Nos mitos de Narciso e Psiquê, é a tentativa de descobrir o que o outro sabe deles que os incita, os excita. E a forma de obter esse conhecimento é pelo olhar, que a ambos é interdito. Tanto Psiquê quanto Narciso teriam uma existência “tranqüila” se não buscassem ver/conhecer o outro/ o eu. Essa tranqüilidade pode ser entendida como um não reconhecimento da ausência, da falta — do desejo.

Dessa forma, podemos acreditar que a punição imposta a Narciso, por ele desprezar os desejos de Amíncias, foi o de ele mesmo conhecer as angústias do desejo, ou melhor, dar-se conta do que é o desejo, que até aquele momento lhe era desconhecido. Conhecer-se para Narciso era descobrir uma ausência e ser capaz de administrá-la, o que Narciso não consegue. Gerd Bornheim<sup>9</sup> afirma que o que se deseja não é o objeto, e sim o próprio desejo, pois o desejo está concentrado em si mesmo. Entretanto, o desejo é necessariamente desejo de algo e, independentemente da seqüência dos desejos, o que o desejo passa a desejar é algo que ele não pode alcançar<sup>10</sup>.

<sup>5</sup> A. NOVAES, ‘O fogo escondido’ in \_\_\_\_\_, *O Desejo*, São Paulo, Companhia das Letras, 1990, p. 12.

<sup>6</sup> ‘Masculino/Feminino: o olhar da sedução’ in A. NOVAES, *O Olhar...*, p. 412.

<sup>7</sup> Id., p. 412-3.

<sup>8</sup> ‘Le stade du miroir comme constitutif de la fonction du Je’, in \_\_\_\_\_, *Écrits*, Paris, Seuil, 1968, p. 58.

<sup>9</sup> GERD BORNHEIM, ‘Da superação à necessidade: o desejo em Hegel e Marx’ in A. NOVAES, *O desejo...*, p. 148.

<sup>10</sup> É por isso que vemos na figurativização de Narciso o ato de estender os braços para algo inalcançável. Mais do que o espelho, é esse ato que traduz Narciso, conforme capítulo sobre

A única forma de possuir o objeto de desejo, tanto no mito de Narciso quanto no de Psiquê, é através do olhar. O olhar informa a ambos de sua incompletude e detona o desejo; saber-se incompleto é o grande tormento que leva à morte, pois não há possibilidade de alcançar, tocar o ser desejado, não existe a perspectiva de concretizar o desejo, e, segundo Renato Mezan<sup>11</sup>, o desejo insatisfeito é vivido como uma tensão interna. Maria Rita Kehl explicita melhor<sup>12</sup>:

Temos que diferenciar a alegria da fome do prazer da saciedade da experiência da privação, já que esta nunca é vivida sem imensa angústia, a própria angústia de morte: a dúvida sobre as possibilidades de sobrevivência do sujeito. A alegria de desejar depende de uma certa dose de confiança no real, uma certa quantidade de experiências de gratificação que permitam alguma espécie de prazer e de confirmação, de aplacamento, pelo menos temporário do desejo.

Narciso e Psiquê, embora por motivos diversos, apresentam, num primeiro estágio, uma existência marcada pela ausência de desejo — ambos são admirados por muitos, mas não ocorre a sedução<sup>13</sup>, a qual só irão conhecer no momento em que, transgredindo a interdição de olhar, vêem os seus sedutores. Mas é nesse exato momento que perdem a possibilidade de os possuir. Narciso, ao reconhecer-se em seu reflexo, desespera-se, pois sabe que este é intangível e Psiquê, ao ver o rosto de Eros, o perde, pois este foge de seu contato e ela, despertada em seu desejo, percebe a impossibilidade de tê-lo novamente.

Assim sendo, nos dois mitos, o momento da descoberta da alegria do desejo é também o momento da angústia da morte, pois há o reconhecimento de que este não terá um aplacamento, nem mesmo temporário.

É interessante notar que, em ambos os mitos, o momento da descoberta do desejo é também o da descoberta da identidade — pois todo sujeito é sujeito porque é desejante. Para Kehl<sup>14</sup>, esse vínculo é fundamental, ‘já que

a figurativização em F.R. Marquetti, *Perseguindo Narciso – Um estudo da protofiguratividade do mito de Narciso*, Araraquara, Dissertação de Mestrado, FCLAr-UNESP, 1995, p. 174 e seguintes.

<sup>11</sup> RENATO MEZAN, ‘O estranho caso de José Matias’ in A. NOVAES, *O desejo...*, p. 333.

<sup>12</sup> MARIA RITA KEHL, ‘O desejo da realidade’ in A. NOVAES, *O desejo...*, p. 366.

<sup>13</sup> No caso de Narciso, o jovem não se deixa cativar pelos que o desejam; não reconhece o desejo, não lhe dá valor por não o conhecer. Já com Psiquê a situação é parcialmente diferente. Não temos informação de que a jovem tivesse se interessado por alguém anteriormente, mas o que se subentende é que não. E, devido à vingança de Afrodite, todos aqueles que a viam a admiravam, mas não a desejavam. Mesmo quando ela se une ao “monstro” do oráculo, nada indica que ela o desejasse ou se soubesse desejada por ele.

<sup>14</sup> KEHL, *O desejo...*, p. 368.

sujeito, realidade e desejo são paridos a partir do mesmo evento: o fracasso do Princípio do Prazer'. E, como só a realidade tem um certo poder de salvar o ego da Pulsão de Morte, nossos personagens estão condenados por antecipação. A realidade se impõe a eles como o lugar onde o outro domina, é o lugar onde impera o desejo do outro. Daí a necessidade de conhecer o campo do desejo do outro, dominá-lo. Sua contrapartida é o medo do desconhecido.

Esses dois traços estão bem marcados nos mitos de Narciso e Psiquê. Ele busca descobrir quem é o outro não se afastando dele em momento algum e desespera-se quando pensa que ele está se afastando (*Ov. Met.* 3.434-79; *Tzetz. Chil.* 1.9.11). Com Psiquê, o medo do desconhecido é marcado pela primeira fase de sua união com Eros, quando a jovem pensa estar unida a um monstro. Após descobrir a verdadeira face de Eros, a jovem se submete a inúmeras provações para novamente poder reencontrá-lo.

Em ambos os casos, a conquista do outro está vinculada a um conhecimento do mundo do outro, à necessidade de reconhecer no outro um eu para que a união se realize. É sempre com a morte, com a separação da comunidade de origem, que o jovem se entregará, ou se integrará, ao outro. Para Psiquê, é mais explícita a associação do outro a algo terrível e que se opõe ao grupo, pois que Psiquê é “sacrificada” a esse outro<sup>15</sup>. Apuleio é claro em sua narrativa: Psiquê é deixada no penhasco vestida de noiva e seu cortejo é similar a um cortejo fúnebre.

Como afirma Kehl<sup>16</sup>, ‘querer conhecer a realidade é querer me apoderar desse Eu misterioso e inapreensível: o Eu do outro, do qual eu só conheço, e precariamente controlo, manifestações externas e parciais’. Fica evidente que o desejo de conhecer e investigar está repleto de erotismo desde sua origem, como já sabia Sócrates (*Pl. Phdr.* 261a-262c).

Nos mitos de Narciso e Psiquê, mais do que buscar conhecer o eu do outro, os protagonistas buscam conhecer sua própria identidade, até então nebulosa para ambos. A forma pela qual eles tentam se conhecer é através do outro, a partir da imagem que o outro/sedutor tem ou lhes oferece de si mesmos. Mais do que nunca o olhar é aqui o olhar desejante e erotizado, pois conhecer-se implica, de uma certa forma, aplacar o desejo, compreendê-lo

<sup>15</sup> Outra leitura possível para o “Outro” monstruoso é oferecida por Paul Diel (*El simbolismo en la mitología griega*, Barcelona, Labor, 1976, p. 30), para quem ‘o perigo monstruoso de que falam os mitos é o estancamento involutivo. O monstro simbolicamente representado como uma ameaça exterior é, na verdade, o perigo essencial que reside na psiquê, a imaginação exaltada na alucinação do eu: a vaidade’. Embora não pretendamos trabalhar com essa leitura, aludimos a ela pois representa um viés interessante e que se encaixa nos mitos de Psiquê e de Narciso — a leitura da vaidade enquanto monstro que impede a evolução/troca com o grupo é de fácil constatação em ambas as narrativas.

<sup>16</sup> KEHL, *O desejo...*, p. 374.

e dominá-lo. Nas palavras de Muniz Sodré<sup>17</sup>, ‘o olhar é um meio de possuir — ou de ser possuído — completamente análogo aos órgãos sexuais, que possuem e são possuídos’. Essa fusão com o outro por meio do olhar confere a Narciso e a Psiquê a “certeza” de sua existência no mundo exterior, no mundo do outro. É no mistério da troca de olhares que se dá a sedução, a existência do seduzido está vinculada ao olhar do sedutor. De certa forma, aquele só existe quando este o olha. O gozo do seduzido é identificar-se com a identidade que o sedutor lhe dá. A grande queda é perder sua identidade e não se achar naquela que é idealizada pelo outro. Em resumo: o que eu sou é a imagem, o eu do imaginário é o objeto privilegiado do desejo.

O sujeito tentará, portanto, igualar-se ao imaginário do outro. Psiquê, em sua busca de Eros, ao realizar as tarefas que Afrodite lhe impõe, nada mais realiza do que tentar se igualar a uma Psiquê idealizada por Eros e com a qual havia demonstrado não se identificar ao traí-lo, vendo seu rosto.

Com Narciso é mais sutil esse esforço de se igualar ao idealizado, pois Narciso não sabe, desconhece a imagem que dele faz o outro – por isso sua angústia é maior que a de Psiquê, pois tem de “adivinhar” qual seria ela. É em decorrência disso que Narciso não se afasta de seu reflexo, pois, ao ver a promessa de união nos olhos do outro, tenta estruturar-se a partir dela (*Ov. Met.* 3.477-9):

Fica! Não me destituas, má  
visão, cruel fantasma em que me nutro e onde,  
intocado de mim, delírio de paixão!

Se, no mito de Psiquê, fica evidente que a estruturação do Sujeito é calcada na imagem idealizada pelo outro, no mito de Narciso fica explícito que o espelho é o olhar do outro, que o desejo do outro é que cria a imagem e revela que o desejo é o desejo do desejo do outro. O próprio deus que pune Narciso, Eros, na versão de Conon, tem como seu reflexo Anteros<sup>18</sup>, que nada mais é do que a visão, o olhar, o espelho, o quedar amoroso que possibilita mover o diálogo erótico. Antes do nascimento de Anteros, Eros definhava, pois não conseguia vislumbrar sua continuidade.

O que irá caracterizar, com efeito, a experiência erótica é a visão, a contemplação, a revelação. O erótico privilegia a visão, pois ele repousa completamente sobre a troca de olhares: os parceiros servem um ao outro de espelho onde o olhar de frente é refletir o olhar do outro, que nada mais

<sup>17</sup> MUNIZ SODRÉ, *A máquina de Narciso*, São Paulo, Cortez, 1990, p. 10.

<sup>18</sup> Anteros é filho de Afrodite e irmão mais novo de Eros. É definido como o amor compartilhado, embora alguns comentadores o definam como o oposto de Eros. Assim como Eros, é representado sob a forma de uma criança alada.

é que o próprio olhar, no qual descobre e nomeia seu desejo<sup>19</sup>.

É dessa forma que Narciso se encontra e se perde em seu reflexo. E a única solução, para Narciso e Psiquê, é a morte. A morte, real ou figurada, do ser desejante que aspira a uma elevação a uma união com o deus<sup>20</sup> é tema recorrente em todas as mitologias e crenças. E, em pelo menos seis mitos gregos, a união, a fusão com o deus por meio do olhar leva à morte e a uma substituição do ser pela sua imagem, pelo seu reflexo<sup>21</sup>. Segundo Muniz Sodré<sup>22</sup>,

o fenômeno da fascinação consiste precisamente em saber que se é visto com intensidade, ou melhor, em se ver sendo visto. Mas é preciso, para evitar o poder excessivo da visão, que os parceiros de olhar, sujeito e objeto, tenham a mesma densidade, o mesmo peso na relação de confronto em que implicam o ver e o ser visto. Quando há desequilíbrio de poder na relação, o olhar de um pode objetivar, congelando o movimento livre do outro, situação que pode ser imaginariamente atravessada na forma do mito das Gorgós, capazes de petrificar aqueles que as encarassem de frente. No imaginário o olhar do outro é capaz de nos congelar como objeto, objetivar-nos e, por aí mesmo, dominar.

Nos mitos por nós tratados, podemos relacionar a morte com o outro radical, objeto fascinante, do sujeito. E nesse jogo mortal da imagem com o real, o olho ocupa o lugar de destaque, por ser o meio que registra e instaura a ilusão. O olhar, ao invés de revelar o real, cria o desejo pela ilusão, pela imagem que se faz do real.

Dentre os mitos que abordam o olhar como meio de objetivação/morte do sujeito, além do de Narciso e Psiquê, temos o do rapto de Perséfone por Hades, o da união de Aura e Dioniso, o de Medusa, ou Gorgó, e suas variações nas deusas olímpicas Ártemis e Perséfone. Isso se não incluímos mitos como o de Zeus e Sêmele,<sup>23</sup> ou de Orfeu e Eurídice.

<sup>19</sup> JEAN-PIERRE VERNANT, *Un, deux, trois: Eros*, Annales Littéraires de L'Université de Besançon 79, 1988, p. 296.

<sup>20</sup> O outro é sempre visto como uma manifestação da natureza, portanto um deus; ver F.R. MARQUETTI, 1995, cap. 2.

<sup>21</sup> Para os gregos, os mortos são “pálidos reflexos” do que foram em vida. Não é acidental essa relação mítica de substituição do ser por sua imagem. Para os heróis e personagens míticos em geral, somente após a morte é que se torna possível a união com o deus, pois reside aí um retorno à unidade primordial, ao ser único das origens — à Idade de Ouro.

<sup>22</sup> Ver ref. nota 17, p. 12.

<sup>23</sup> Embora não pretendamos analisá-los aqui, os mitos que envolvem a visão/olhar de Zeus se encaixam nesse contexto. Sêmele é fulminada quando vê Zeus em sua real aparência. Do mesmo modo, a visão das deusas leva à morte, como é o caso do jovem Acteon ao ver Ártemis. Segundo Vernant (ref. nota 19, p. 303), o tabu visual em relação aos deuses tem sua origem na Creta minóica.

Encarar Medusa de frente é ser transformado numa imagem petrificada, é perder-se no olhar do outro. E é nessa representação de uma alteridade que Vernant<sup>24</sup> aproxima Medusa e Ártemis, que derivam de uma origem comum: a Senhora dos Animais cretense que, embora tenha assumido formas diversas, preside espaços limítrofes para o homem, as fronteiras onde se manifesta o contato com o outro. Se Medusa petrifica seus “inimigos”, Ártemis os cega nas batalhas, extraviando-os de seus caminhos ou confundindo seus espíritos com o pânico.<sup>25</sup> “Gorgó representa, em sua careta, o horror terrificante de uma alteridade radical, com a qual por nossa vez nos identificaremos, transformando-nos em pedra”,<sup>26</sup> ou em imagens fugidias, pálidos reflexos.

Esse olhar fixo e penetrante que busca o outro e o leva à morte não está presente apenas em Medusa; é ele que arrasta ao Hades Aura e Perséfone, transformando-as em imagens. Essas duas jovens são observadas por seus sedutores sem que o percebam. Perséfone é vista por Hades quando colhe flores. O deus a vê de seu reino, mas a jovem não o vê. Do mesmo modo, Aura é vista por Dioniso sem o perceber. Há um desequilíbrio nas forças do olhar nesses dois mitos, como disse Vernant, e esse desequilíbrio leva à morte as jovens, e/ ou à sua união com o deus.

É relevante, nesses dois mitos, o fato de que as duas jovens são atraídas para a união com o deus pela flor narciso. Perséfone, ao ser raptada, está tentando colher um narciso magnífico e Aura está entorpecida/adormecida pelo perfume de narcisos quando Dioniso a possui.

Outra relação importante que podemos estabelecer é a da conquista da reciprocidade do olhar.<sup>27</sup> Nos mitos de Perséfone, Aura e Psiquê há uma polarização do olhar. Nesses três mitos, somente os deuses (Hades, Dioniso e Eros) têm o direito de ver. Se retomarmos o conceito de Sodré de que o olhar é uma forma de possuir o objeto desejado, perceberemos que as jovens são possuídas, mas, ao mesmo tempo, impedidas de possuir. Antes mesmo de descerem ao Hades, elas já se transformaram em imagens “congeladas”,

<sup>24</sup> VERNANT, p. 18 e 36.

<sup>25</sup> Id., p. 28-9.

<sup>26</sup> Ibid., p. 105.

<sup>27</sup> Os dois mitos possuem uma inversão interessante na questão do possuir o objeto desejado. Psiquê possui, toca Eros, mas não o vê. Narciso não se deixa tocar por ninguém, nem por deus, nem por homens. Ele é, apenas, admirado por eles. Quando Narciso e Psiquê descobrem seu objeto de desejo (ela a Eros e Narciso à sua imagem), os vêem, são impossibilitados de os tocar. Eros foge de Psiquê, esta já não mais o pode tocar. Narciso, que se furtava ao toque, arde de desejo de tocar sua imagem, mas isso lhe é impossível. Tudo o que lhe resta é admirar o outro. Tanto Narciso quanto Psiquê são, num primeiro momento, vistos e desejados e passam, num segundo momento, à situação inversa. O que os diferencia é que Psiquê, quando não vê, possui e, quando vê, não possui.

objetivadas pelo olhar do deus. Não é sem razão que em dois dos três mitos a ida efetiva ao Hades, a morte, é parte da narrativa. Perséfone, ao ser raptada, é levada para o reino do deus infernal e, após comer os grãos de romã, já não mais poderá retornar definitivamente à vida, pois terá de alternar um período de existência no Hades com outro na terra.

Psiquê, uma jovem mortal, só efetiva sua união com Eros após descer ao Hades, última tarefa imposta a ela por Afrodite. Psiquê sabe que não retornará do Hades, o que retorna é só sua imagem, seu reflexo, e é ela que Eros entronizará a seu lado.

Aura, embora não desça ao Hades, é possuída por Dioniso enquanto está entorpecida pelos narcisos — ela também é, nesse momento, apenas um reflexo sem vida, pois o que ali se encontra é a imagem dela; não há a vontade, a força que dela viria se estivesse acordada. Essa relação nos faz pensar que o amor, o desejo, só se realiza por meio da imagem idealizada: a realidade não possibilita sua concretização.

Deparar-se com a realidade é encarar Medusa de frente, é colocar-se diante da alteridade do outro e aceitá-lo enquanto um eu. É essa imagem terrível que captura o olhar de Narciso junto à fonte. O espelho d'água é seu duplo; encará-lo é não poder iludir-se por muito tempo, é ter de retirar a máscara e ver sua real face, ou seja, descobrir-se estilhaçado e incompleto. Narciso identifica-se com o outro e isso o condena: saber-se um estranho, um estrangeiro a si mesmo, não possuir uma identidade.

Narciso, ao contrário daquele que, ao olhar a Medusa, se identifica com ela pela oposição, o faz pela semelhança, que lhe dá a certeza da impossibilidade de ser aquilo que vê. Medusa apresenta a alteridade por meio do terrível: o outro me é estranho tanto quanto eu a ele. Mas Narciso apresenta essa alteridade por meio da beleza, do similar: o outro sou eu. Para Sodré<sup>28</sup>,

olhar nos olhos de Gorgó é ver-se face a face com o além em sua dimensão de terror, cruzar o olhar com o olho que, por não deixar de nos fitar, se torna a própria negação do olhar [...] Quando encaramos Gorgó, é ela que faz de nós o espelho no qual, transformando-nos em pedra, contempla sua face terrível e se reconhece no duplo, no fantasma que nos torna-mos ao enfrentar seu olhar.

Com Narciso ocorre o inverso: é ele que se transforma em espelho de seu espelho, levando-nos a um abismo intransponível, a uma queda eterna no vazio. Essa percepção teve Ovídio ao encerrar seu poema com o pálido reflexo de Narciso, já no Hades, fascinado por sua imagem refletida pelo

<sup>28</sup> SODRÉ, p. 105-6.

Estige<sup>29</sup>. Talvez por isso a conquista da possibilidade de ver, da reciprocidade no olhar, seja tão dura e leve nossos protagonistas à morte. Somente aos deuses é dado esse poder, pois eles conhecem o perigo contido no olhar e são responsáveis pela interdição imposta nos mitos.

Narciso é punido por Eros por se recusar (na mesma linha de Orfeu e Dioniso) à separação entre Sujeito e Objeto de afeto, opondo-se assim ao deus enquanto força civilizadora: ‘Narciso implica a aspiração a uma ordem própria, em que consciência e natureza se fundem, vida e morte não se separam’<sup>30</sup>. Ele se recusa a ver seu estilhamento e sua incompletude. Tudo o que interessa a Narciso é seu desejo, mas esse é um desejo de morte. A interdição de conhecer-se dada pelo oráculo a Narciso faz de seu desejo algo ligado ao religioso, pois o prazer e a angústia experimentados por ele são um alerta para os que cultuam Eros. O mito ressalta o que Bataille<sup>31</sup> chama de base do erotismo: a ligação entre a morte, o sexo e a violência. É por meio das transgressões limitadas que o mundo sagrado é firmado — é por isso que o desejo sempre recai, não sobre um objeto qualquer, mas sobre o objeto interdito.

É essa aproximação existente entre vida e morte, que também encontramos nos sacrifícios, ‘que faz dar à morte o jorro da vida, à vida o peso, a vertigem e abertura da morte’<sup>32</sup>, que leva Narciso-Homem a se transformar em Narciso-Imagem e, finalmente, em Narciso-Flor. Pois é a flor que coroa essa relação sacrificial de Narciso e Eros, ela é a fusão do deus e do homem e é nela que reencontramos a continuidade perdida. A sublimação do desejo em Narciso é traduzida pelo perfume da flor narciso (Ov. *Met.* 3.509-10), narcótica, usada por outros deuses para realizar seus desejos, mas que levam seus objetos de afeto à morte.

Para Detienne<sup>33</sup>, o olhar e o perfume são formas de levar o homem à união sexual. Os olhos são a parte solar/luminosa e ígnea do homem, a parte elevada; a beleza que atrai o olhar é divina. Já o perfume é o úmido, o ctônico e, como o olhar, é capaz de evocar imagens. O perfume do narciso opõe-se, desse modo, aos perfumes excitantes e que incitam o desejo. Segundo Detienne<sup>34</sup>, existem perfumes associados à sedução, que seriam os perfumes extraídos das plantas que compõem o jardim de Adônis, e que são utilizados

<sup>29</sup> Ver MARQUETTI, 1995, cap. 6. O entorpecimento causado pela flor do narciso é visto como uma forma de morte ritual.

<sup>30</sup> SODRÉ, p. 13.

<sup>31</sup> GEORGES BATAILLE, *O Erotismo*, Porto Alegre, LP&M, 1987, p. 63.

<sup>32</sup> Id., p. 85.

<sup>33</sup> MARCEL DETIENNE, *Les Jardins d'Adonis. La mythologie des aromates en Grèce*, Paris, Gallimard, 1972, p. 30-5.

<sup>34</sup> Id.

pelas cortesãs e concubinas na comemoração das festas de Adonis, época quente do ano — período da canícula. E aqueles que são anti-afrodisíacos e estão associados a plantas que florescem em locais úmidos e frios, como é o caso de narciso. Essa flor floresce no final do outono e no início da primavera e morre com o sol forte da canícula<sup>35</sup>.

Essa associação ao frio, ao úmido e à morte é que faz que o narciso espelhe o desejo interdito e a fusão com os deuses<sup>36</sup>. Pois é com a morte da individualidade que o ser humano se integra a seu grupo e descobre, na multiplicidade de imagens, sua identidade social.

TITLE. *The gaze of lust.*

ABSTRACT. This paper deals with the gaze and lust within the myths of *Eros and Psyche* and *Narcissus* and the way they are linked to the identity and the knowledge of both the Self and the Other. Both myths construe a sort of interdiction of the gaze that links to knowledge; the transgression on such interdiction dives their protagonists into a windmill of passion, loss, and death. The gaze reveals incompleteness and triggers lust; to figure out oneself incomplete is the torment that leads to the death, for there is no chance of reaching and touching the target of lust; there is no chance of making lust real; lust, incomplete, is lived as an internal tension. Psychoanalysis, Anthropology, and Greimasian Semiotics sets the theoretical underpinnings of the readings.

KEYWORDS. Eros; Psyche; Narcissus; Lust; the Self/the Other; the Gaze.

<sup>35</sup> Ver nota 29.

<sup>36</sup> Detienne apresenta o aroma, o perfume, como a forma pela qual renascerá o jovem mítico que não se uniu sexualmente a ninguém (p. 33).